

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Alexandre IOANNIS GIKAS

Julia Cristina GÜTSCHOW SAMPAIO

A SITUAÇÃO DOS MIGRANTES BRASILEIROS EM “QUARTO DE DESPEJO” E  
SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO PAULISTA NA DÉCADA DE 1950

São Paulo

2016

Alexandre IOANNIS GIKAS

Julia Cristina GÜTSCHOW SAMPAIO

A SITUAÇÃO DOS MIGRANTES BRASILEIROS EM “QUARTO DE DESPEJO” E  
SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO PAULISTA NA DÉCADA DE 1950

Trabalho Temático apresentado às disciplinas do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo como critério para aprovação.

São Paulo

2016

2016

Alexandre IOANNIS GIKAS

Julia Cristina GÜTSCHOW SAMPAIO

A SITUAÇÃO DOS MIGRANTES BRASILEIROS EM “QUARTO DE DESPEJO” E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO PAULISTA NA DÉCADA DE 1950

**Conceito:** \_\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Ms. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria das Mercês Pereira Apostolo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Ms. Adriana Maria de Souza

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Ms. José Mário de Oliveira Mendes

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Regina Mota Dieguez

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Esp. Maria Rosa Crespo

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Ivan Russeff

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Msc. Wanderson Scapechi

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Data da aprovação:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## RESUMO

Este artigo analisa a caracterização do migrante brasileiro na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, e os movimentos de migração interna no Brasil, principalmente da Região Nordeste para a cidade de São Paulo, no período de 1950-1960. É feito um paralelo entre a realidade do período e a obra de Carolina, na qual o cenário é a favela do Canindé durante a década de 50, época em que o Brasil passou por intenso processo de crescimento, industrialização e por mudanças político-econômicas que, junto a outros fatores, incitaram o processo migratório. Também é analisada a relação existente entre migrantes nordestinos e nortistas, tomando como exemplos trechos da obra de Carolina Maria de Jesus e utilizando dados estatísticos e históricos sobre o Brasil e o Estado de São Paulo durante o período retratado.

**Palavras-chave:** Brasil, Nordeste, Favela, Indústria, Migrante, Migração, São Paulo, Trabalho, Quarto de despejo.

## ABSTRACT

This article deals with the description of the Brazilian migrant in Carolina Maria de Jesus' work "Quarto de despejo: diário de uma favelada" and the internal migratory movements in Brazil, primarily from the Northeast Region to the city of São Paulo, during the years 1950 to 1960. A parallel is made between real events of the period and Carolina's work, in which the scenery is the Favela do Canindé during the 50's, a time when Brazil underwent an intense process of growth, industrialization and political-economic changes that, among other factors, incited the migration process. It also analyzes the relationship between the northeastern and northern migrants, taking as examples excerpts from Carolina Maria de Jesus' book and using statistical and historical data about Brazil and the State of São Paulo during the portrayed period.

**Keywords:** Brazil, Northeast, Favela, Industry, Migrant, Migration, São Paulo, Job, Quarto de despejo.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	O MOVIMENTO DE MIGRAÇÃO INTERNA DO NORDESTE PARA SÃO PAULO ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960 .....	8
3	NORTISTA, BAIANO E NORDESTINO: O MIGRANTE DO NORDESTE EM “QUARTO DE DESPEJO” E NA CIDADE DE SÃO PAULO .....	11
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	14
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	15

## 1 INTRODUÇÃO

No livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, a autora Carolina Maria de Jesus apresenta em detalhes o sofrido cotidiano dos habitantes da favela do Canindé sob seu ponto de vista único: o de uma mulher negra, migrante e pobre que deixou Minas Gerais e veio a São Paulo em 1947, onde se viu obrigada a morar e criar seus filhos, sozinha, em uma região da cidade com péssimas condições de vida. A obra foi organizada a partir dos diários escritos pela autora entre 1955 e 1960, período no qual o Brasil passava por um processo de crescimento, desenvolvimento econômico e forte industrialização das grandes capitais.

Nesse cenário, houve grande demanda por mão-de-obra para as fábricas e obras públicas. A região metropolitana de São Paulo estava em crescimento acelerado e, atraídos pelas oportunidades e incentivos governamentais, muitos migrantes interessados em construir vida e carreira saíram de seus estados de origem - a maioria de Minas Gerais, Bahia e outros estados da Região Nordeste - em direção a São Paulo, buscando melhores condições de vida.

Esses imigrantes de diversos estados permeiam a obra analisada, fazendo parte do cotidiano de Carolina. A autora descreve nortistas, nordestinos e baianos como se todos fossem o mesmo grupo e suas denominações fossem sinônimos, revelando parte da visão que os moradores da capital paulista mostravam ter diante dos migrantes recém-chegados e o preconceito existente, inclusive entre os próprios migrantes. Esses trabalhadores acabaram sofrendo com o desemprego e, sem opção, se estabeleceram nas favelas que surgiram na cidade.

O presente estudo tem o objetivo de analisar como esses migrantes nordestinos são retratados por Carolina Maria de Jesus e como eles eram vistos pela população de São Paulo na época na qual o livro é ambientado, traçando um paralelo entre a obra e dados históricos e estatísticos do período entre 1950 e 1960, entendendo quais foram os movimentos de migração interna ocorridos nesse intervalo, oriundos principalmente das Regiões Norte e Nordeste do Brasil. Tais movimentos originaram uma força trabalhadora que colaborou consideravelmente para o notável

crescimento da cidade e também na formação da sociedade paulistana como é hoje.

## **2 O MOVIMENTO DE MIGRAÇÃO INTERNA DO NORDESTE PARA SÃO PAULO ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1960**

O intervalo entre 1945 e 1964 foi chamado de Período Democrático, no qual governaram os presidentes Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954), Café-Filho (1954-1955, vice de Getúlio Vargas), Juscelino Kubitschek (1956-1961) e Jânio Quadros (1961). Destes, somente Kubitschek é citado na obra de Carolina (Jânio era o atual governador de São Paulo na época). Como é colocado por Boris Fausto:

Os anos JK podem ser considerados de estabilidade política. Mais do que isso, foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho realizado da construção de Brasília. Os “cinquenta anos em cinco” da propaganda oficial repercutiram em amplas camadas da população. (FAUSTO, 1995, p. 422)

A Juscelino são atribuídas as mudanças econômicas na capital, com a introdução do Plano de Metas, que pretendia que o Brasil, conforme o *slogan*, se desenvolvesse em “cinquenta anos em cinco”. Isso seria alcançado por meio de 31 objetivos, divididos em seis grupos: energia, transporte, alimentação, indústrias de base, educação e a construção de Brasília. Em 1956, foi instituído o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, que culminaria na fundação, em 1959, da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Kubitschek também criaria o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Muitas dessas metas foram alcançadas: a produção industrial cresceu em 80%, com altas porcentagens nas indústrias de aço (100%), mecânicas (125%), de eletricidade e comunicações (380%) e de material de transporte (600%). No período de 1957 a 1961, o PIB cresceu para uma taxa de 7% ao ano. E se compararmos com a América Latina, o PIB brasileiro *per capita* foi 3 vezes maior. Enquanto que o setor secundário, responsável pela indústria, cresceu 9,5% ao ano no período. Outro incentivo à industrialização foi a utilização da Instrução 113 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), que previa que as empresas importassem equipamentos estrangeiros sem cobertura cambial. Os maiores beneficiários da



Instrução 113 foram as indústrias automobilísticas, de transportes aéreos, estradas de ferro, eletricidade e aço (FAUSTO, 1995, p. 427).

No entanto percebemos, no texto de Carolina, que camadas menos favorecidas da população não compartilhavam desse otimismo, e a situação vivida pela autora não era um caso isolado. Levine (1994), na obra "Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus", comprova:

O progresso material coletivo foi a tônica das administrações de Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. [...] Paradoxalmente, na fermentação dos debates sobre a industrialização nacional, [...] a imposição do problema migratório aflorou, forçando a pensar nas consequências básicas da inversão populacional do campo para a cidade. Fatos concretos que evidenciam o crescimento da marginalidade traziam o fenômeno da pobreza para os discursos, que tiveram que incluir as favelas no vocabulário político. Nesse cenário, Carolina se fez mote, e seria impossível qualquer debate sem passar por alguns argumentos contidos no livro. (MEIHY; LEVINE, 1994)

Segundo dados do Governo do Estado de São Paulo, nas décadas de 1950 e 1960 verifica-se a efetiva industrialização do Estado, que trouxe como consequência a abertura de um amplo mercado de trabalho, já que esse processo de crescimento industrial levou também a uma substancial ampliação do setor terciário. O avanço desses setores foi um trampolim para os migrantes se fixarem em São Paulo, atraídos pelas diversas oportunidades de emprego e crescimento profissional que eram oferecidas, inclusive com incentivos do Governo Federal. O historiador Paulo Roberto Ribeiro Fontes (2008) expõe esses atrativos:

Emprego, salários mais elevados, direitos trabalhistas, maior infraestrutura hospitalar e educacional compunham um cenário deveras atrativo. Paulatinamente, ganhava fôlego a ideia de que a vida em São Paulo seria "mais fácil", ainda mais se comparada com as difíceis circunstâncias que os trabalhadores rurais nordestinos enfrentavam no período. (FONTES, 2008, p. 48)

Outros dados do Governo do Estado nos mostram o seguinte quadro da migração em 1950: Minas Gerais com quase 50% do fluxo; a Bahia logo em seguida com 17,56%; os Estados de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí representavam quase 15% e os demais, em torno de 20%. O impacto desses migrantes sobre a cidade de São Paulo foi "tão grande quanto os

efeitos produzidos pelos imigrantes que vieram da Europa, do Oriente Médio e da Ásia em décadas anteriores” (FONTES, 2008).

Quanto à empregabilidade, 86% dos homens e 74% das mulheres que migraram para São Paulo na década de 1950 conseguiam um emprego no primeiro mês em que se instalaram na cidade. Responsável por cerca de dois terços da produção manufatureira do estado, a Região Metropolitana paulista teve, apenas no decênio 1947-56, um acréscimo médio anual de empregos industriais da ordem de 4,1%. Entretanto, esse quadro de facilidade na obtenção de trabalho se modificou bastante ao longo da década de 1950, variando de forma significativa de acordo com o setor da economia. Apesar da tendência de crescimento econômico e expansão industrial, surtos de desemprego alastraram-se ao longo de todo período. Em pesquisa feita pelo Consulado dos Estados Unidos em 1957, concluiu-se que 7% da população paulista estava desempregada, e o Jornal *Última Hora* apontava que a oferta de emprego era insuficiente para trabalhadores sem especialização (FONTES, 2008).

Essa é a São Paulo vista por Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de despejo”: uma cidade na qual falta emprego, onde as camadas mais pobres da população - das quais fazem parte muitos migrantes nordestinos, baianos e a própria Carolina - vivem em péssimas condições, sempre com pessimismo, descrença nos políticos e falta de perspectivas de uma vida melhor. Sobreviviam em trabalhos do segundo e terceiro setor da economia (construção civil e indústria para os homens e comércio e prestação de serviço como empregada doméstica para as mulheres) devido ao pouco estudo e qualificação que os migrantes tinham, o que significava mão de obra barata para os empregadores. Por mais que o país estivesse em crescimento e desenvolvimento econômico, essas eram as vagas que sobravam para estes migrantes.

### **3 NORTISTA, BAIANO E NORDESTINO: O MIGRANTE DO NORDESTE EM “QUARTO DE DESPEJO” E NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Carolina destaca: “A favela superlotou-se de nortistas” (JESUS, 2014, p. 75). Fontes (2008) afirma, em sua obra “Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista”, que a migração ocorreu aos poucos. Primeiramente migraram jovens solteiros e casais sem filhos que buscavam fugir das secas e ter ascensão social e profissional na cidade. Ao se estabilizarem, chamavam suas famílias, pais, mães e sobrinhos para migrar. As favelas e bairros periféricos de São Paulo “superlotaram de nortistas” pois os parentes, pré-estabelecidos em São Paulo, foram um grande atrativo.

Diversos estudos sobre migração interna no Brasil têm destacado o forte caráter familiar como característica fundamental desse processo. Não apenas a decisão e a estratégia da migração era, na maior parte das vezes, estabelecida no âmbito da família, mas também as rotas e locais de destino frequentemente dependiam dos contatos e articulações estabelecidas entre parentes, amigos e membros da comunidade de origem (FONTES, 2008). Carolina relata um exemplo disso, dentre vários outros:

[...] Na rua A residem 10 baianos num barracão de 3 por dois e meio. Cinco são irmãos. E as outras cinco são irmãs. São robustos, mal encarados. Homens que havia de ter valor para o Lampeão. Os dez são pernambucanos. E brigaram os dez com um paraibano. (JESUS, 2014, p. 63)

A partir de 1940, com o aumento da migração de brasileiros despossuídos (como Carolina) a São Paulo, a cidade crescia cada vez mais. Na década de 1950 a cidade seria marcada por um grande impacto da migração interna, quando o número de migrantes de outras regiões ultrapassava o das pessoas vindas do interior do estado. Ao fim da década, de cada 10 pessoas que chegavam à capital, sete eram de fora do Estado. Os trabalhadores vindos de estados nordestinos compunham a grande maioria desses recém-chegados (FONTES, 2008).

O número de habitantes aumentava radicalmente e, com isso, o município se via obrigado a expandir sua área urbana. Não havia espaço para tanta gente. Os

terrenos livres no centro já se esgotavam, o custo de vida era alto e inacessível aos migrantes e, com isso, as ocupações de regiões distantes do pequeno centro se expandiram. Caldeira (2003), em sua obra “Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo”, identifica esse novo padrão de urbanização com o nome de “centro-periferia”, associado à dispersão da cidade. A densidade populacional diminuía, as classes médias e altas concentravam-se no centro - onde havia boa infraestrutura e imóveis caros - e o número crescente de migrantes pobres era afastado para as distantes e precárias periferias. A aquisição da casa própria passava a ser regra tanto para os ricos quanto para os pobres e o sistema de transportes baseava-se no uso de ônibus para os trabalhadores da periferia e de carros para os moradores das classes média e alta (CALDEIRA, 2003). A partir desta análise, é possível entender como os migrantes chegaram à favelas como a do Canindé na década de 1950, conforme é relatado por Carolina quando surgem novos moradores no local.

A presença desses migrantes, a expansão da cidade e o conseqüente aumento dos problemas de infraestrutura eram vistos por muitos contemporâneos como um grande problema. O mercado de trabalho não via os nordestinos com muito apreço, como colocado por Fontes (2008): “os migrantes nordestinos foram os primeiros a perder empregos devido ao comportamento explosivo dentro das fábricas”. Além das dificuldades intrínsecas a um mercado de trabalho que passava por intensas transformações, os migrantes nordestinos defrontavam-se, em sua busca por emprego, com explícitas demonstrações de preconceito e exclusão. Um exemplo disso é a forma genérica pela qual os paulistas chamavam - e ainda chamam - os nordestinos e mineiros: “bairanos” (FONTES, 2008).

Esse aspecto preconceituoso é notado no discurso da autora de “Quarto de despejo”, que não distingue migrantes nordestinos, nortistas e bairanos uns dos outros (em “Um nordeste em São Paulo” ainda é adicionado a estes o grupo dos mineiros, do qual Carolina faz parte). Apesar de possuírem aspectos fisiológicos, culturais e sociais distintos, a autora reúne todos em um só grupo. Para ela, bairano é sinônimo de nordestino, e os dois termos são sinônimos de nortista. Esse tipo de generalização permeia toda a obra, como exemplificado em seguida:

“O baiano esposo da Zefa é meu vizinho e veio queixar-se que o José Carlos lhe aborrece. O que sei é que com tantos baianos na favela os favelados veteranos estão mudando-se. Eles querem ser superior pela força. Para ficar livre deles os favelados fazem um sacrifício e compram um terreno e zarpam-se.” (JESUS, 2014, p. 78)

Por meio da análise do momento histórico do Brasil e da cidade de São Paulo, é possível concluir que a postura da autora nada mais é do que um reflexo do preconceito corrente na própria cidade. Carolina vivia todos os problemas pelos quais diversos setores da sociedade paulistana culpavam os migrantes nordestinos: dificuldades de transporte, ausência de moradia e ampliação da criminalidade e da miséria urbana, que na verdade tinham como causa o rápido aumento da cidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo: diário de uma favelada” tem, entre seus diversos assuntos abordados, as migrações. Essas, impulsionadas na década de 1950, foram um fator de extrema importância para a formação da sociedade paulista e para o crescimento e desenvolvimento do Estado de São Paulo. Os diversos migrantes representados no livro de Carolina utilizaram suas forças de trabalho em busca de mais qualidade de vida, deixando para trás as dificuldades que viviam nas regiões Norte e Nordeste do país, mas encontrando uma realidade muito diferente de suas expectativas: o otimismo presente no país não estava presente na vida de todas as camadas sociais.

Ainda que a situação dos migrantes nos relatos de Carolina fosse de miséria, e da falta de interesse que os paulistas demonstravam em valorizar e respeitar as diferentes culturas de cada grupo, a presença e a ação desses migrantes na cidade de São Paulo e em outras capitais brasileiras foi um dos fenômenos sociais de maior importância e com imensas repercussões no Brasil dos anos 1950, 1960 e 1970.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: editora 34/edusp, 2003.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 2º ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação da Educação, 1995.

FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, (1945-66). 1º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo - diário de uma favelada. 10º edição. São Paulo: Ática, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, LEVINE, Robert M. Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994, p. 20

SÃO PAULO (estado). Portal do Governo do Estado de São Paulo. Migrantes. Disponível em: <[http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista\\_migrantes](http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/gente-paulista_migrantes)>. Acesso em: 14 nov. 2016.